

Apresentação

Do “estruturalismo do pobre” ao “cosmopolitismo do pobre”

Os artigos que compõem o presente volume da *Ipotesi* se propuseram a refletir, a partir da ementa lançada para esse número, sobre a constatação de que as metrópoles contemporâneas, de centro polarizador de modelos hegemônicos de cultura, passaram a ser também cenário da explosão de expressões culturais suburbanas e periféricas, experimentando, no plano da cultura, consequências do que o geógrafo Mike Davis identificou como a generalização das favelas no planeta. Esse fato recoloca social e economicamente a condição de polo cosmopolita de que as cidades do terceiro mundo se investiram em seus complexos, desiguais e injustos processos de modernização.

Talvez porque os pesquisadores estejam respondendo com interesse investigativo ao surgimento de autores ligados à chamada “Literatura Marginal” – o que tanto permite trazer à tona novos nomes como Ferréz e Allan da Rosa, como também leva ao resgate de figuras como a de Carolina Maria de Jesus –, essa edição recebeu grande quantidade de artigos sobre a literatura e a cultura brasileiras. Isso leva a pensar que o país está num momento cultural e político mais do que profícuo para refletir sobre esse lugar periférico. Os artigos aqui reunidos darão um excelente panorama dessas reflexões. Menos do que mapeá-los, o que o leitor poderá fazer por um rápido passar de olhos no sumário e nos resumos, esta apresentação pretende contribuir com uma breve reflexão sobre este lugar que a pesquisa e crítica da cultura periférica vai tomando nas faculdades de Letras.

A interface entre a cultura periférica, a pesquisa acadêmica, o ensino de literatura e a leitura reflete possivelmente alguma forma de democratização do ensino superior no Brasil, o que paulatinamente vem sendo realizado quer por fatalidade (para lembrar “O poeta come amendoim”, de Mário de Andrade) quer por ações efetivas dos movimentos de inclusão social e racial que se reverteram em respostas do poder público e das Universidades, como a criação das cotas, ou os controversos PROUNI e REUNI. É majoritariamente nas faculdades de Letras, nas de ciências sociais e humanas, que o aluno da periferia busca refletir sobre as estratégias e as possibilidades não exatamente de ocupar outro lugar na sociedade, mas de reconhecer e validar a sua origem.

Portanto, a possibilidade de se compreender, no âmbito da pesquisa acadêmica e através dos discursos literários e culturais, o imaginário social das periferias urbanas brasileiras, permitiria a revascularização de currículos que, a cada ano, acentuam a dissimetria entre o conhecimento produzido na pesquisa e o cotidiano do aluno e do futuro professor. Tal aspecto não é novo nas faculdades de Letras, mas pode-se dizer, rearticulando dois famosos títulos da crítica, que do “estruturalismo dos pobres” ao “cosmopolitismo do pobre” muita coisa mudou.

O primeiro dos dois termos, evidentemente, refere-se ao raivoso artigo de José Guilherme Merquior publicado originalmente no *Jornal do Brasil* de 27 de janeiro de 1974, que reagia à crítica de vocação estruturalista e semiológica, pois percebia naquilo séria ameaça a posições consolidadas e a concepções beletristas de literatura e do literário. A posição radical, elitista e até agressiva de Merquior já foi posta no seu devido lugar por Eneida Maria de Souza, no artigo “O livro de cabeceira da crítica”, publicado no livro *Crítica Cult* (2002), em que relembra a primeira geração de jovens mestres informados pela desconstrução derridiana e demais teorias pós-estruturalistas, por ocasião do IV Encontro Nacional de Professores de Literatura, em 1974.

O fato é que, de lá para cá, o perfil do aluno de letras mudaria bastante. O verdadeiro programa de massificação do ensino superior (não aquele que Merquior temia) ainda estava por vir e veio por meio do incentivo público à iniciativa privada, que passou a abrir faculdades particulares como

quitandas, e ainda tenta se impor, nas públicas, através de projetos como REUNI. Era de se esperar, portanto, que esse contexto das faculdades de Letras constituísse campo propício para o advento e a disseminação dos estudos culturais, como uma reação à abordagem mais elitista da literatura, com abertura para contemplar os direitos das minorias e os movimentos multiculturais.

É nesse contexto que se chega ao segundo termo. “O cosmopolitismo do pobre” é um texto de Silvano Santiago¹, especialmente atento à crítica cultural e às mudanças de paradigmas do próprio multiculturalismo em face da economia de mercado globalizada, na qual “o estado nacional passa a exigir uma reconfiguração cosmopolita, que contemple tanto os seus novos moradores quanto os seus velhos habitantes marginalizados pelo processo histórico” (p. 60). Esse processo inclusivo pode ganhar contornos diversos, desde o mais midiático e festivo, como programas de TV e vitrines eleitoreiras, até o mais aprofundado e crítico, como o tem que ser, por obrigação de ofício, nunca por modismo, a reflexão intelectual e a pesquisa acadêmica.

A julgar pelos artigos aqui reunidos, acreditamos que este volume da *Ipotesi* vai contribuir, de fato, para uma reflexão, crítica, consequente e produtiva, sobre esse lugar, que, cada vez mais e ainda contra a vontade de muitos, está no centro das atenções.

Alexandre Faria*

¹ Publicado originalmente no segundo número da revista *Margens/Márgenes*, em 2002, e posteriormente no livro homônimo.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFJF; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq-Nível2; Coordenador do projeto de pesquisa “Configurações das identidades no discurso literário da periferia”, FAPEMIG.